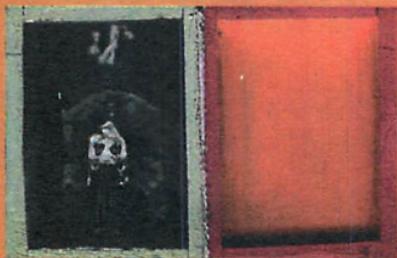
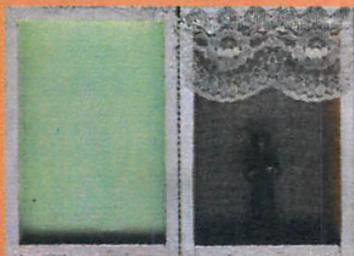


EUSÉBIO DE MATOS



SERMÃO

N.Cham B869.51 M433s 1999

Autor: Matos, Eusebio de, 1629-1692.

Título: Sermão do mandato .



145810610

Ac. 281808

izadores:

iranda

Maria Cecília Boechat

FAZELSON DE LIT
FAVE

Mandato é o contrato pelo qual uma pessoa é encarregada de praticar certos atos em nome de outra, que lhe delega poderes para isso. *Mandato* é o nome da cerimônia religiosa que se celebra na quinta-feira santa, na qual se lavam os pés a doze pobres. Essa cerimônia recorda a última ceia. A atitude de lavar os pés a seus apóstolos foi seguida pelas seguintes palavras de Jesus, segundo São João (13:12-15): "Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos

LVIDO NA ÚLTIMA
ADA

Sermão do Mandato

Eusébio de Matos

E 589.61

1114225

1999

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



145810610

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Sermão do Mandato

Edição e Notas

José Américo Miranda

Maria Cecília Boechat

Apresentação

José Américo Miranda

FALE
FACULDADE DE LETRAS
FALE

Belo Horizonte

1999

2.91.078

© 1999 by Faculdade de Letras da UFMG

Capa

Jairo Alvarenga Fonseca

Revisão das citações em latim

Raimundo Carvalho

Produção gráfica

Autêntica Editora

Eusébio de

Matos / texto de Eusébio de Matos ;
notas de José Américo Miranda e Maria Cecília
— Belo Horizonte : FALE/UFMG, 1999.

1. Ensaio.
2. Sermões.
3. Miranda, José Américo.
4. Boechat, Maria Cecília. I. Título

CDU 82-4
82-5

1999

Todos os direitos desta edição reservados à
Faculdade de Letras da UFMG (FALE)
Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha
Belo Horizonte - MG - CEP 31270 - 901 Tel: (31) 499-5133
www.lettras.ufmg.br

Diretora: *Eliana Amarante de Mendonça Mendes*

Vice-diretora: *Véronika D. E. B. Benn-Ibler*

Faculdade de Letras Bp.

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
13 / 07 / 2006

1458106-10
-O HORIZ

SUMÁRIO

Eusébio de Matos e sua obra.....	07
Critérios desta edição.....	29
Sermão do Mandato.....	33
Eusébio de Matos, sua obra e seu tempo.....	83
Referências Bibliográficas.....	87

Eusébio de Matos e sua obra
José Américo Miranda

As notícias impressas sobre o Padre Eusébio de Matos e sua obra começam, salvo engano, no primeiro volume da *Biblioteca lusitana* (1741, 1747, 1752 e 1759, 4v.), do Abade Diogo Barbosa Machado.¹ Nessa obra se louvaram praticamente todos os que, posteriormente, se pronunciaram sobre o autor.

No Brasil, foi Francisco Adolfo de Varnhagen o iniciador da linhagem dos interessados em conhecer-lhe a obra e avaliar-lhe o talento. No primeiro volume do *Florilégio da poesia brasileira* (1850), atribuiu-lhe Varnhagen a autoria de um

¹ Barbosa Machado informa que, anteriormente à sua *Biblioteca lusitana*, “fez dele memória Frei Manuel de Sá, *Mem. Hist. dos Escrit. Portug. do Carm.* cap. 24. p.140.”

poema, cujos versos parodiavam um retrato de D. Brites feito por seu irmão Gregório de Matos. O texto poético publicado é composto por dez estâncias em oitava rima, nas quais o poeta conserva sempre as palavras finais dos versos parodiados. Esse foi o único poema que o compilador do *Florilégio* atribuiu decididamente a Eusébio de Matos, embora no *Postilhão de Apolo* — é o próprio Varnhagen quem dá essa informação — ele seja atribuído a Bernardo Vieira Ravasco, irmão do Padre Vieira. Foram publicadas, ainda, no mesmo volume do *Florilégio*, nove outras composições dadas por litigiosas entre os dois irmãos, Eusébio e Gregório, todas elas de tema religioso.

Das poesias de Eusébio de Matos, diz-se que ficaram em poder de seu irmão Gregório, após a sua morte, em 1692, e que andam semeadas entre as deste poeta. Constâncio Alves afirma possuir a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, num volume manuscrito, que pertenceu ao Imperador D. Pedro II, “um poema, em várias poesias independentes, escrito por Frei Eusébio da Soledade.”² Segundo ele, encontram-se nesse

² ALVES, Constâncio. In: *Biblioteca internacional de obras célebres*, s.d., v.17, p.8203.

volume algumas poesias que Varnhagen, no *Florilégio*, considerou litigiosas entre Eusébio e Gregório. Serafim Leite informa, também, na sua lista dos *Scriptores Provinciae Brasiliensis*, que Eusébio, enquanto estava na Companhia, havia editado um poema épico, em latim, em louvor do venerável Padre João de Almeida.³ Desse poema, nenhum dos outros autores dá notícia.

Entre os códices estudados por James Amado, para a preparação de sua edição das poesias de Gregório, há dois que contêm poesias atribuídas, nos próprios códices, a Eusébio de Matos. Um deles, o “Códice Imperador”, pertenceu a D. Pedro II e contém, entre as páginas 171 e 214, poesias de Eusébio de Matos que o copilador declara ter incorporado ao códice de Gregório “por não desmerecerem no estilo, e serem merecedoras de igual aplauso.”⁴ Esse códice pertence

³ LEITE, Serafim, 1938, v.1, p.533. Eis o trecho: “*P. Eusebius Mattos, Bahiensis, 1º Soc. IESU, postea Carmelitani Ordinis Religiosus. Obiit die et anno incerto. Edidit in Societate Poemata Epicum Latinum in Laudem V. Almeidae: post eius obitum vulgatum est iuxta volumen Concionum, quarum plurimae in Soc. habitae sunt.*”

⁴ Apud AMADO, James. In: MATOS, Gregório de, 1969, v.7, p.1748.

hoje à Biblioteca Nacional. James Amado supõe ser esse um dos que foram adquiridos do espólio de Inocêncio Francisco da Silva, que declarou, em seu *Dicionário bibliográfico português* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1859), possuir dois códices. A outra fonte que contém poesias de Frei Eusébio é o “Códice Manuel Pereira Rabelo”, que pertencia, na época em que James Amado preparava a publicação das obras de Gregório de Matos, ao Prof. Celso Ferreira Cunha, que o recebeu de presente do bibliófilo espanhol Eugénio Àsenio, em 1962. Foi este o códice que, devido ao seu excepcional estado de conservação e às valiosas informações contidas nas legendas-título e à margem dos versos, serviu de base para a edição James Amado das poesias de Gregório de Matos. Ele é composto por quatro volumes, no primeiro dos quais se encontram “Obras do Pe. Eusébio de Matos”. De acordo com a descrição do códice que nos dá James Amado, “a parte dedicada a Eusébio de Matos não tem numeração, apenas começada em seguimento à anterior [p.106] e interrompida à p.112.”⁵

⁵ AMADO, James. In: MATOS, Gregório de, 1969, v.7, p.1751.

Como se vê, é bastante complexa e confusa, como o é, aliás, a da obra de seu irmão mais célebre, a situação da poesia do Padre Eusébio de Matos. Se, como afirma Antônio Houaiss, “a tradição de Gregório de Matos — empregada a palavra ‘tradição’ em sua estrita acepção ecdótica — está longe de ter sido racionalmente aproveitada pela erudição para o estabelecimento fiel e fidedigno, tanto quanto possível, do texto de Gregório de Matos”,⁶ que dizer da de Eusébio? Sequer podemos ter certeza de que o “Códice Imperador” da obra de Gregório de Matos seja o mesmo mencionado por Constâncio Alves, já que este fala em “Frei Eusébio da Soledade”, nome que assumiu Padre Eusébio somente depois de ter deixado a Companhia de Jesus e ingressado na Ordem dos Carmelitas.

Inteiramente diversa é a situação de sua prosa. Ainda em vida, publicou Eusébio de Matos duas obras suas: o *Ecce Homo* (Lisboa: Oficina de João da Costa, 1677), conjunto de seis sermões, pregados no Colégio da Bahia às sextas-feiras à noite, mostrando-se em todas o *Ecce Homo*. Versaram as práticas, diante da figura de

⁶ HOUAISS, Antônio. In: MATOS, Gregório de, 1969, v.7, p.1725.

Cristo, sobre os espinhos da coroa, a púrpura que lhe jogaram sobre os ombros, as cordas com que lhe ataram as mãos, a cana que lhe deram por cetro, as chagas que lhe causaram e sobre o título de homem que lhe atribuíram, nessa ordem.

Publicou, ainda, já com o nome de Frei Eusébio da Soledade, o *Sermão de soledade, e lágrimas de Maria Santíssima Senhora Nossa* (Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, 1681). Esse sermão foi pregado na Sé da Bahia, em 1674. São mencionados, ainda, por vários autores, o primeiro dos quais é o Abade Barbosa Machado, “Seis sermões do Rosário”, mas que desapareceram.

Depois de sua morte, foram dados à publicidade, por iniciativa de Frei João de Santa Maria, os *Sermões* (Lisboa: Miguel Deslandes, 1694). Na dedicatória do livro ao “Reverendíssimo Padre Fr. Joam Teyxoo de Villalobos, Mestre em Sagrada Teologia, Prior Geral de toda a Ordem de Nossa Senhora do Carmo da antiga Observância, Grande de Espanha, Catedrático da Insigne Universidade de Valladolid”, lamenta-se Frei João de Santa Maria de “que esta obra, como mendigada de vários fragmentos, não leve aquele esmero com

que sairia à luz em vida do seu Autor.”⁷ No “Prólogo” não assinado (mas do mesmo autor, conforme se depreende pelo conteúdo) que se segue à carta ao superior carmelita, acima citada, pode-se ler:

Este consumadíssimo sujeito foi natural da Cidade da Bahia na América, e suposto não viesse a este Reino em pessoa, veio a fama do seu grande talento publicada não só pelos que o comunicaram, senão também por alguns sermões que já se deram à imprensa; e desejando que fosse ainda mais aplaudido o seu nome no maior conhecimento desse talento, por este motivo, e outros mais que se me ofereceram, fiz toda a diligência para que o Autor desse à estampa as suas obras: vencida esta dificuldade, ao tempo que começava a aparar as penas para dar princípio à obra, então a embargou a morte, mas para que de todo não levasse a vitória, e ficasse com ela sepultado o seu nome, dos seus borrões que se acharam, de que ele não fazia caso, (porque os Sermões do maior empenho com facilidade os dava) determinei de os pôr em limpo, e de os dar à estampa; dos

⁷ SANTA MARIA, Frei João de. In: MATOS, Frei Eusébio de, 1694, s.p.

quais, é este o primeiro Tomo, que contém quinze sermões; por eles, o discreto, e Sábio Leitor poderá julgar qual seria o talento do Autor, e qual seria a obra se ele a dera à estampa; com que para desculpa de ser menos heróica do que pedia tão heróico talento, basta ser póstuma, e também essa mesma razão basta para crédito de seu Autor, porque parece é digna a obra de todo o aplauso, de toda a estimação, e de toda a aceitação.⁸

Assim se esclarecem as condições em que foram dados à estampa esses quinze preciosos sermões, de entre os quais extraímos este, “do Mandato”, que publicamos agora. O volume publicado trazia a indicação de ser o primeiro tomo, contudo não traz indicações acerca do número de tomos que comporia a totalidade da série. Muitos estudiosos afirmam que seriam quatro volumes; desconhecemos, entretanto, a fonte dessa informação, já que isso se não declara no único volume publicado. Uma suposição plausível é a de que a informação sobre o formato da obra (in-4^o) tenha sido erroneamente interpretada como

⁸ SANTA MARIA, Frei João de. In: MATOS, Frei Eusébio de, 1694, s.p.

indicadora do número de volumes.⁹ Na tradição, pela dificuldade de consulta às fontes primárias, o erro ter-se-ia perpetuado.

Mais tarde, no século XVIII, saiu ainda à luz a *Oração fúnebre nas exéquias do Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Estêvão dos Santos Bispo do Brasil* (Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1735).

De todas essas obras em prosa, não há dúvidas quanto à autoria; é, portanto, muito diferente da da poesia, a situação da prosa do autor. Neste setor de sua obra, o que podemos apontar como problema é a recepção. Muitas de suas obras não foram reeditadas até hoje. É surpreendente a raridade delas: Pedro Calmon estranha o fato de Ramiz Galvão, autor da importante obra *O púlpito no Brasil*, não ter conhecido nenhum dos sermões de Eusébio de

⁹ A origem do equívoco pode estar em Barbosa Machado, que, na *Biblioteca lusitana*, registra a obra *Sermões* nos seguintes termos: “*Sermoens do P. Mestre Fr. Eusebio de Mattos Religioso de Nossa Senhora do Carmo da Provincia do Brasil I. Part. que contem 15. Sermoens.* Lisboa pelo dito Impressor 1694. 4.” Por o “dito Impressor” deve-se entender o impressor da obra mencionada anteriormente, no caso, Miguel Manescal, o que é outro equívoco, pois, na verdade, o impressor dos *Sermões* foi Miguel Deslandes.

Matos;¹⁰ e Artur Mota afirma não ter lido os sermões reunidos em volume ou publicados em avulso, mas que lera o *Ecce Homo*.¹¹

Somente em nosso século a obra do pregador baiano começou a interessar, embora discretamente, aos estudiosos. Data de 1923 a primeira reedição de uma obra sua: trata-se da edição do *Ecce Homo*, fac-similada da de 1677 pela Estante Clássica da *Revista de Língua Portuguesa*. A mesma *Revista de Língua Portuguesa*, em seu número 25, de setembro de 1923, publicou a *Oração fúnebre etc.* De todas as outras obras em prosa de Eusébio de Matos existem apenas as edições príncipes. Como se vê, é muito pouco para um autor que mereceu, da parte de J. J. Nunes, o juízo de que é figura incontestável “entre os escritores brasileiros que no século XVII melhor souberam manusear a língua portuguesa e conhecimento mais perfeito tiveram dos seus segredos.”¹² Avaliação semelhante recebeu ele de Laudelino Freire, que foi o responsável por sua reedição:

¹⁰ CALMON, Pedro, 1949, p.29, nota de rodapé nº 18.

¹¹ MOTA, Artur, 1930, v.1, p.441.

¹² NUNES, J. J. Eusébio de Matos. In: MATOS, Eusébio de, 1923, parte preliminar não paginada.

No menear a língua, com todas as virtudes da correção, propriedade, elegância e polidez, não fora *Eusébio de Matos* inferior a nenhum dos seus contemporâneos, inclusive os grandes mestres *Vieira* e *Antônio de Sá*. Em tudo que lhe saiu da pena soa formosíssima a linguagem nativa.¹³ (Grifos do Autor)

Joaquim Manuel de Macedo, referindo-se ao pregador em seu *Ano biográfico brasileiro*, saiu-se com estas expressões renovadas: “Frei Eusébio da Soledade, ou Eusébio de Matos era prodigioso: a natureza o enriquecera prodigamente de preciosíssimos dons. (...) Sua ilustração era vasta, sua inteligência profunda e maravilhosa.”¹⁴ Agrippino Grieco diz dele que “era orador de filamentos e nervuras microscópicas no arrazoado do púlpito e poderia pregar condignamente em Lisboa.”¹⁵ E de acordo com Wilson Martins, dentre os grandes oradores sacros que, segundo ele, enxameavam ao redor de *Vieira*, deve-se destacar, dos que desapareceram no olvido ou são

¹³ FREIRE, Laudclino, 1923, p.63.

¹⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de, 1876, v.1, p.328.

¹⁵ GRIECO, Agrippino, 1947, p.14.

apenas referidos nas enumerações, o Frei Eusébio de Matos.¹⁶ Essas avaliações, sem dúvida, sugerem que o autor merece ser relido.

Em sendo assim, não se pode concordar, sem desconfiança, com os que o avaliam como autor menor. Varnhagen julgou seus sermões “um tanto pesados”, embora reconheça nas práticas do *Ecce Homo* “acabamento e beleza de estilo.”¹⁷ Pedro Calmon reconhece que, nas práticas do *Ecce Homo*, o pregador “afastou-se da eloqüência engenhosa para ser místico e simples, muito menos discípulo de Vieira do que êmulo de Fr. Antônio das Chagas.”¹⁸ Ronald de Carvalho, a seu tempo, disse sobre ele, depois de extensamente citar o licenciado Manuel Pereira Rabelo:

Nada deixou, entretanto, que confirmasse os louvores exagerados do licenciado Pereira Rabelo. Seus sermões são arrevesados e estão crivados daquelas sutilezas em que era mestre o Padre Vieira. É possível que este o admirasse, porém

¹⁶ MARTINS, Wilson, 1978, v.1, p.205. :

¹⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de, 1946, p.64.

¹⁸ CALMON, Pedro, 1949, p.30.

não é crível que lhe dispensasse tão grande consideração, como se diz.¹⁹

E Sílvio Romero, autor a vários títulos grande, com a impetuosidade que lhe era própria, afirmou que Frei Eusébio “exerceu a oratória sagrada e fez fracos versos religiosos” e que, além disso, “foi um homem ilustre por suas virtudes, o talento não foi dos maiores.”²⁰

Dos autores que dedicaram extensos trabalhos à literatura brasileira do período colonial, não o estudaram (ou apenas o mencionam) Sérgio Buarque de Holanda, José Aderaldo Castelo e Oliveira Lima.

Fizeram exames mais detidos da prosa do sermonista, com isso demonstrando que lhe dedicaram algum tempo e atenção, Carlos Burlamáqui Kopke, Massaud Moisés e Hélio Lopes.²¹ Carlos Burlamáqui Kopke, no capítulo “A oratória sacra”, que escreveu para a obra coletiva *A literatura no Brasil*, diz o seguinte:

¹⁹ CARVALHO, Ronald de, 1984, p.89.

²⁰ ROMERO, Sílvio, 1943. v.2, p.35 e p.36, respectivamente.

²¹ KOPKE, Carlos Burlamáqui, In: COUTINHO, 1986, v.2, p.162-169; MOISÉS, Massaud, 1985, v.1, p.195-217; LOPES, Hélio, 1997, p.421-443.

No Pe. Eusébio de Matos, havia maiores qualidades literárias [do que em Antônio de Sá]. (...) [Seus sermões] ...trazem o selo da mais pura eloquência, requintam-se na modulação e na cadência da frase, dir-se-iam, às vezes, um grave coral noturno e, por fim, dão categoria estética à língua que os expressa, e que não perde a fisionomia idiomática (...) a par de vibrarem a espiritualidade do tema, são escritos numa expressão criadora, íntegra e total.²²

Massaud Moisés, em sua reavaliação, afirma que “é bem outra [da que se diz] a verdade que se depreende dos textos”; que o pregador tinha por objetivo “menos convencer que comover, menos persuadir que testemunhar, menos atingir os ouvintes pelos rasgos dialéticos que pela revelação dum fervoroso e autêntico sentimento de fé”; e, ainda, que “o pregador se fundamenta na energia transformadora do sentimento.” Esse é o autor que mais seriamente levou em conta os afetos nos discursos do pregador. Embora não possamos concordar com suas afirmativas de que não haja nesses sermões “raciocínios tortuosos

²² KOPKE, Carlos Burlamáqui. In: COUTINHO, Afrânio, Org., 1986, v.2, p.165-166.

ou sibilinos, muito embora agudos, precisamente porque informados pelo sentimento”, e de que a linguagem deles seja “despojada, límpida, menos plástica e metafórica que a de Vieira”,²³ é relevante ressaltar os acentos emotivos ou afetivos dos sermões de Frei Eusébio como algo que os distingue, particularmente dos do Padre Antônio Vieira.

Da avaliação de Massaud Moisés vale, ainda, ressaltar uma outra importante consideração, que nos ajuda a traçar um retrato mais fiel do pregador, um “transunto”, como diria o mesmo Eusébio:

Valioso pelo estilo vernáculo e fluente, Eusébio de Matos tem os olhos de pregador dirigidos para os fiéis, e os do intelecto, para a Europa: o desinteresse pelas causas políticas e sociais afastou-o da realidade brasileira em favor da metropolitana, através dos livros que compulsava. Faca de dois gumes, o seu esquema de vida o distanciou dos nossos problemas, ao mesmo tempo que lhe facultou criar um estilo que denuncia como havíamos alcançado, já no século XVII, um alto padrão de linguagem.²⁴

²³ MOISÉS, Massaud, 1985, p.210-211.

²⁴ MOISÉS, Massaud, 1985, p.212.

Ocorrem-nos aqui a exigência básica que a historiografia literária brasileira, desde seus primórdios, fez às obras que incluiu em seu cânone — a de serem brasileiras, particularmente pelo tema — e o antídoto que lhe apresentou Machado de Assis, ao dizer que não se devia exigir dos autores brasileiros que se limitassem a tratar de temas locais.²⁵ Além disso, que maior notícia local nos podia dar um texto do século XVII, senão a que nos dá a prosa do mesmo Eusébio, revelada pelo mesmo Massaud Moisés e confirmada pela avaliação de outros autores, ou seja, que nos “advirtamos que o ser ele o que foi sem nunca ter saído de sua pátria, deixa patenteado que para se instruir nem sempre se sentiria obrigado o colono a ir buscar na metrópole aquilo que a Bahia lhe podia dar.”²⁶ Quanto à “realidade metropolitana”, de que se aproximaria Eusébio de Matos pelos livros de que se valia, o argumento nos parece tão fraco, que a ele poderíamos responder com outro, talvez da mesma valia: que o conceptismo e os raciocínios engenhosos se

²⁵ Cf. ASSIS, Machado de, 1962, p.135.

²⁶ FREIRE, Laudelino, 1923, p.63.

casam, sim, com o espírito da colônia. Não podem as sutilezas barrocas ser interpretadas como sinais de habilidade mental, esperteza e sagacidade? Esse nos parece ser um valor bem próprio da colônia: nas fábulas de nossos indígenas são sempre glorificadas a astúcia e a esperteza, jamais a força, a violência ou a coragem física, coisas estas, todas elas, muito da metrópole.

Hélio Lopes, no estudo que dedica à oratória sacra brasileira, propõe que se divida a história da eloquência sagrada no Brasil nos seguintes períodos: “pré-barroco”, “barroco” e “reforma”, entendendo-se por este o romântico. O período “pré-barroco” compreenderia as prédicas jesuíticas do primeiro século, tremendo esforço que fizeram os padres no sentido de aproximar-se da mentalidade de seus interlocutores, o índio natural do país e o primeiro colono. Desse período catequético, didático-moralizante e pragmático, tão pouca coisa restou, que, no entendimento do estudioso, uma avaliação rigorosa do valor das obras “só é possível dentro dos vagos limites da suposição.”²⁷ A esse período “pré-barroco”

²⁷ LOPES, Hélio, 1997, p.428.

propõe ele que se dê o nome de “barroco jesuítico”. No período propriamente “barroco”, em que a utilidade é sotoposta à beleza do discurso, justamente essa aparente falta de caráter pragmático é que elevará as pregações à categoria de obras de arte. Segundo Hélio Lopes, nessas pregações, “restou apenas o prazer da inteligência”.²⁸

Um ponto importante, na classificação proposta por Hélio Lopes, consiste no reconhecimento, com base no exame de textos, da existência de duas vertentes na oratória sacra do século XVII. Uma das tendências dava continuidade às preocupações dominantes no século anterior: seria a linha pragmática, atenta à compreensão pelo auditório, contrária aos exageros culteranistas e conceptistas. Nessa linha utilizavam-se linguagem direta e expressão rude. A vertente que se tornou mais conhecida, entretanto, é a dos prosadores barrocos, em cujo discurso Hélio Lopes reconhece a estrutura dos exercícios retóricos praticados em sala de aula, onde se desenvolvia e se demonstrava com argumentos uma verdade proposta e respondia-se às objeções. Segundo ele, “transposto o método escolar para a

²⁸ LOPES, Hélio, 1997, p.438.

oratória, o pregador cria ele próprio as dificuldades que pretende haver no texto.”²⁹ Haveria, pois, uma prédica erudita, vinculada à atividade docente dos pregadores, e outra, humilde e rasteira, que falava linguagem do povo.

Quanto à oratória erudita dos jesuítas, com a qual se alinha a do Padre Eusébio de Matos, afirma Hélio Lopes: “A utilidade prática falta, geralmente, nestes sermões barrocos. Sobretudo quando fica nas geladas e escolares argumentações. Não se pode entender como nestas longas práticas o sentimento e a emoção estejam ausentes. Aboliram nelas a sensibilidade.”³⁰ Pode ser verdade a falta de utilidade prática, mas não julgamos verdadeira a segunda parte da afirmativa, relativa à ausência de sentimento e emoção, pelo menos no que diz respeito aos sermões de Frei Eusébio. Além disso, parecem vinculados o envolvimento da emoção e os efeitos práticos de um sermão. Se é assim, então, tampouco podemos concordar com o argumento da falta de utilidade. O “Sermão do Mandato”, aqui reeditado

²⁹ LOPES, Hélio, 1997, p.436.

³⁰ LOPES, Hélio, 1997, p.438.

pela primeira vez desde 1694, é um exemplo importante de como a emoção é posta a serviço da inteligência. Se isso importa para a persuasão dos fiéis, o que poderia parecer falta de pragmatismo se reveste de um caráter prático surpreendente, renovado e inovador.

Enfim, com esta edição do “Sermão do Mandato”, retorna à convivência com os leitores a prosa barroca brasileira do século XVII, na voz de Eusébio de Matos. Parece, com isso, que se começa a romper “a nuvem do esquecimento” (a expressão é de J. J. Nunes) que envolve tão importante escritor. O leitor brasileiro não pode desconhecer obras tão importantes e valiosas. O leitor brasileiro já não pode mais duvidar do talento do Padre Eusébio de Matos, porque já não há que duvidar: *Nunc cognovi*.

Critérios desta edição

A edição deste “Sermão de Mandato”, de Eusébio de Matos, teve como texto-base o da edição príncipe dos *Sermões* (Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1694. p.62-87). A atualização do texto foi feita conforme os critérios que se seguem:

1. As palavras foram grafadas de acordo com a Reforma Ortográfica de 1943 e com as alterações determinadas pela Lei nº 5.765, de 1971. Quanto às iniciais maiúsculas, foram mantidas as da edição príncipe. Algumas alterações, para fins de uniformização da edição, foram assinaladas em notas de rodapé. Contudo, não foram assinaladas as alterações de maiúscula para minúscula (e vice-versa) relacionadas apenas à pontuação, como, por exemplo, o caso de iniciais maiúsculas em seguida

a ponto-e-vírgulas. O mesmo critério foi aplicado às citações latinas.

2. No tocante à ortografia, devem ficar registrados os seguintes casos especiais: a) o vocábulo “nenhuma”, que grafamos desta maneira em todas as ocorrências, apresenta-se, no sermão, sob as formas “nenhuma” e “nenhũa”; b) a palavra “uma”, que grafamos desta maneira, ocorre somente na forma “hũa”; c) a palavra “qualificado”, que grafamos deste modo, aparece sob a forma “calificado”; d) o advérbio “atègora”, hoje em desuso, que aparece três vezes, foi mantido no texto. A propósito da palavra “hũa”, J. J. Nunes, nas “Anotações” que apôs ao *Ecce Homo*, conjunto de seis sermões de Eusébio de Matos reeditado pela Estante Clássica da *Revista de Língua Portuguesa* em 1923, afirma ser esta a grafia tradicional, mas observa que a grafia representante da pronúncia do tempo deve ser “uma”, que, segundo ele, aparece com mais freqüência em textos daquele período. Quanto a “calificado”, nas mesmas “Anotações”, J. J. Nunes afirma ser forma freqüente no século XVI e que o seu emprego por Eusébio de Matos faz crer que, pelo menos no Brasil, ela ainda era utilizada no século seguinte. A forma

“atègora” não se encontra no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, mas vem registrada no *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete. Este dicionário a registra como advérbio composto, antigo e popular; significa, evidentemente, “até agora”. O acento grave, utilizado atualmente apenas para indicar a crase da preposição “a” com o artigo definido feminino e com certos pronomes demonstrativos (aquele, aquela, aquilo), foi praticamente abolido nas sílabas subtônicas das palavras desde 1971. Tudo faz crer que a existência desse advérbio composto de uso raro escapou aos autores da Lei nº 5.765. No texto do sermão, em sua primeira ocorrência, a palavra vem grafada “atégora”; nas outras duas, “atègora”. Nas passagens em que é usado, o advérbio se opõe a “agora”. Observe-se o ganho na agudeza da antítese, com o emprego da forma antiga do advérbio.

3. A pontuação do texto, na edição de 1694, não obedece, rigorosamente, a possíveis critérios de marcação de pausas, melodia e entoação, nem se ajusta às inflexões lógicas do pensamento. Alteramos a pontuação para aproximá-la da norma

atual. Conservamos, entretanto, tudo o que nos pareceu ter valor estilístico.

4. Na edição de 1694, em todas as ocorrências, a conjunção “e” foi grafada “&”, inclusive nas citações em latim. Grafamos, em português e latim, respectivamente, “e” e “*et*”.

5. Alguns vocábulos latinos apresentam acentuação gráfica na edição de 1694. Todos esses acentos foram suprimidos, sem registro nas notas de rodapé.

José Américo Miranda

Maria Cecília Boechat

Sermão do Mandato

Pregado em o Convento do Carmo
da Cidade da Bahia, donde é uso
mostrar-se em os tais Sermões o
Santo Sudário.

*Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat
ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos
qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

Joann. 13.

Chegada finalmente aquela hora, em que o Filho do Eterno Padre se havia de partir deste mundo e em que havia de ausentar-se daquelas a quem tanto quisera, naquelas últimas despedidas, diz o Evangelista S. João que muito mais os amara: *In finem dilexit eos*. Estes são os termos, estas as cláusulas com que hoje nos encarece os extremos do amor de Cristo o Secretário de seu coração, e este é o sentido que dão comumente os Expositores a estas suas palavras: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*. Porém, como pode isto ser? O amor perfeito inteiramente é aquele que não pode ser mais do que é, e, como Cristo sempre amou

aos homens com amor inteiramente perfeito, segue-se que nunca os pôde amar nem mais nem menos do que os amou: pois logo, se no discurso da vida os não amou nada menos, *Cum dilexisset*, como nos diz o mesmo Evangelista que no fim da vida os amou muito mais? *In finem dilexit eos*. A esta dúvida respondem S. João Crisóstomo, S. Cirilo, Eutímio e Teofilato que é verdade que o amor de Cristo, quanto à substância, fora sempre igual a si mesmo e tão perfeito no fim como no princípio; porém que, quanto aos sinais e demonstrações, que fora muito maior no fim, porque no fim deu Cristo muito maiores e mais evidentes sinais de seu amor. Este é o sentido mais literal e mais acomodado ao texto de São João: *In finem dilexit eos, id est, In fine vitae maiora, et illustriora signa dilectionis exhibuit*.

E verdadeiramente que foi assaz necessária esta resolução de Cristo, porque se bem o considerarmos, acharemos que sempre o crédito

do amor de Cristo perigou no conhecimento dos homens; ou porque o amor se impossibilitou em sua mesma grandeza, ou porque o conhecimento se impediu em nossa mesma ingratidão. Sentindo, pois, o divino amante de nossas almas, que, sobre faltar-lhe a seu amor a fortuna de correspondido, lhe sobreviesse também a desgraça de ignorado; vendo que ainda seu amor vivia entre dúvidas depois de tantas e tão largas demonstrações, *Cum dilexisset*; que havia de fazer, senão declarar-se de remate com as últimas demonstrações de seu amor? *In finem dilexit eos*. Sansão nunca chegou a declarar todos os mistérios de seu coração, nem chegou nunca a fazer as últimas demonstrações de seu amor, enquanto viu a Dalila ingrata, senão depois que a viu duvidosa: *Quomodo dicis quod amas me?* Pois da mesma sorte o nosso divino Nazareno, Sansão divino, facilmente se compusera com nossa ingratidão; porém, vendo nossa ignorância, declarou-se de remate: *In finem dilexit*;

e, desejoso de que seu amor, já que não conseguia a satisfação de pagado, tivesse ao menos a glória de conhecido, tratou por últimas despedidas de dar aos homens sinais de seu amor, tão claros e tão evidentes, que ficassem totalmente certos, inteirados e sem dúvida nenhuma de seu amor. Isso é o que dizem as palavras do nosso tema; e isso é o que nelas nos quis dizer o Evangelista S. João: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*

Tirada assim esta dúvida do Evangelho, entro agora em maior dúvida. Suposto que aqueles maiores excessos de amor, que Cristo fez no fim da vida, foram os maiores sinais que deu de seu amor, duvido agora, não qual fosse o maior sinal (porque o tratar das maiorias foi já empresa de engenho maior), mas duvido: qual foi o mais claro e o mais evidente sinal do amor de Cristo? Os sinais verdadeiramente foram muitos e vários, a qual maior, a qual mais evidente; mas, como o discorrer sobre todos seria quase impossível,

trataremos somente dos principais, e veremos qual foi o mais evidente de todos: veremos qual foi aquele sinal de amor que deixou aos homens totalmente certificados, e sem dúvida nenhuma, do amor de Cristo. Ora entremos a averiguar esta questão.

Primeiramente, parece que o sinal mais evidente do amor de Cristo foi aquela portentosa ação, aquele raro exemplo de humildade, quando o mesmo Senhor, rendido e ajoelhado aos pés de seus Discípulos, lhes foi a todos lavando e enxugando os pés: *Et coepit lavare pedes Discipulorum*; pelo menos este parece que foi o pensamento de S. João, porque, como já dissemos, todo o intento de S. João, no Evangelho deste dia, foi querer persuadir ao mundo todo que no fim de sua vida vera Cristo os mais claros sinais de seu amor; e acabando de o dizer: *In finem dilexit eos*, como para prova do que dizia, entra logo a descrever esta portentosa ação e todas as circunstâncias dela: *Surgit a Coena: ponit*

vestimenta sua, et cum accepisset linteum, etc.

E que mais nos diz hoje no Evangelho? Que mais havia de dizer? Não era o intento do Evangelista dizer que no fim da vida dera Cristo os mais claros sinais de seu amor? Pois, para seu intento, que maior prova? Com descrever esta ação, tem provado e conseguido seu intento.

Para Deus dar a conhecer claramente a Gedeão quais eram os mais valentes Soldados do seu exército, mandou que os examinasse nas águas de um rio: *Duc eos ad aquas, et ibi probabo illos*. Assim, hoje, em uma bacia de água dá Cristo claramente a conhecer a valentia de seu amor, e naquele trêmulos espelho representa hoje ao claro a mais valente afeição; e a razão é: porque de Cristo lavar os pés a seus Discípulos se segue necessariamente que tinham os Discípulos manchados os pés; e que hoje andassem rodando por terra tantas finezas sem embargo de tantas manchas! que se

rendam liberdades onde se adoram perfeições, pode ser crédito do juízo; mas que se sacrificem rendimentos onde se reconhecem manchas! que pode ser senão impulso do amor? que havendo nos homens tantas manchas, e que tendo Cristo advertência para as ver, que tivesse ainda amor para as lavar! que naquela água se não apagasse aquele incêndio! que lutando tantas manchas dos homens contra o amor de Cristo, que contra todas prevalecesse o amor, e que obrigasse a Cristo a que com o joelho em terra se confessasse rendido às mesmas manchas! valente força de amor!

Mas, para que se veja com maior evidência o quanto o amor de Cristo se deu a conhecer nesta ação, é de advertir que aquele lavatório dos pés era uma cousa, e representava outra: era lavatório de pés, e representava o lavatório das culpas; por outros termos, representava o Sacramento da Confissão: por isso o Senhor lavou os pés aos Discípulos antes de instituir o augustíssimo

Sacramento do Altar,¹ como significando que naquele lavatório de pés se representava o lavatório das culpas que deve preceder ao Sacramento. Suposto, pois, que aquele lavatório representava a confissão, segue-se que o mesmo era lavar o Senhor no Cenáculo com suas mãos as manchas dos Discípulos que lavar na confissão com seus merecimentos as culpas dos homens: pois que mais claro argumento do amor de Cristo? Cristo sabia mui bem que era infinito o valor de seus merecimentos e o poder de suas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*; e que Cristo, quando, em desagravo de seu Eterno Padre, devera aplicar contra nós todo seu poder e todo seu valor, que pelo contrário applicasse todo o poder de suas mãos para purificação de nossas manchas e todo o valor de seus merecimentos para remédio de nossas culpas! que mais eficaz prova, que mais evidente sinal de seu amor?

¹ Nessa passagem do texto, a palavra “altar” vem com inicial minúscula. Introduzimos a inicial maiúscula porque em outras ocorrências a palavra é assim grafada.

Deu-se por ofendido El-Rei Saul de que Davi faltasse por alguns dias à obrigação de assistir no paço, e, acudindo seu filho Jônatas a livrar da culpa a Davi, lhe disse Saul assim: *Nunquid ignoro quia diligis filium Isai?* Jônatas, eu tenho entendido o quanto amais a Davi. Reparo na ocasião e no motivo por que se certificou Saul. Se bem discorrerem por todas as finezas de Jônatas, acharão que nunca Saul disse que sabia de seu amor para com Davi mais que somente nesta ocasião. Uniu-se a alma de Jônatas à alma de Davi, e de tal sorte lhe entregou todo o domínio de sua liberdade, que lhe votou com juramento a firmeza de seu amor: em confirmação deste juramento, chegou Jônatas a ser o primeiro exemplar da maior amizade, padecendo por amor de Davi todas aquelas dificuldades, todas aquelas contradições e todos aqueles pesares que sabemos, obrando por seu respeito todas aquelas finezas, todos aqueles extremos e todos aqueles impossíveis que admiramos; e sendo todos

aqueles excessos notórios a Saul, nunca Saul chegou a dizer que sabia do amor de Jônatas, porque, consultando a variedade dos corações humanos, sempre ficava como suspenso e duvidoso daquele amor; mas, tanto que Saul viu que Jônatas se empenhava em livrar da culpa a Davi, não pôde duvidar do amor de Jônatas: *Nunquid ignoro quia diligis filium Isai?* Mas qual foi a razão disto? A razão foi porque Saul era pai de Jônatas; Davi era vassalo de Saul: Saul estava ofendido, Davi estava culpado; e posto Jônatas entre o pai e o vassalo, claro está que, pela obrigação de filho, devera vingar a ofensa do pai: pois que quando Jônatas era obrigado a desagravar ao pai da ofensa, que se empenhasse em livrar ao vassalo da culpa! que havia já aí que duvidar? certo se estava que amava Jônatas a Davi. Mas que seria se a ofensa de Saul não fora só desconfiança, senão também realidade? E que seria se Jônatas com dispêndios de seu próprio sangue se empenhasse na justificação de Davi? Não chegou

a tanto empenho o filho de Saul, mas essa vem a ser a fineza do Filho de Deus, porque no Sacramento da Confissão nos lava Cristo das culpas com seu próprio sangue: pois, duvide-se embora do amor de Cristo ainda no mistério da Encarnação, onde, com mais estreitos laços que Jônatas com Davi, se uniu o Filho de Deus com a natureza dos homens; duvide-se embora em todas as finezas que obrou antes da hora da morte e em todos os trabalhos que padeceu por todo o discurso da vida; mas, em chegando a esta ação, não há que duvidar do amor de Cristo: no Sacramento da Confissão, onde nos livra das culpas, ou no lavatório dos pés, onde nos lava das manchas, aqui, onde o amor de Cristo se declarou com tanta evidência, não há que duvidar do amor de Cristo.

Ainda não está ponderado o mais fino desta ação, e, para melhor o ponderarmos, passemos o pensamento da bacia para a toalha:
Coepit lavare pedes Discipulorum, et extergere

linteo quo erat praecinctus. Grande mistério faz o Evangelista de que Cristo não enxugas-se os pés a seus Discípulos com outra toalha, senão com a mesma com que estava cingido; porque depois de dizer que Cristo se cingira com uma toalha, *Et cum accepisset lintheum, praecinxit se,* faz advertência que com essa mesma com que estava cingido enxugara os pés a seus Discípulos: *Et extergere linteo, quo erat praecinctus.* Ora reparemos no mistério. E que necessidade havia de cingir-se o Senhor com aquela toalha? ou, já que a cingiu, por que não enxugou os pés a seus Discípulos com outra, senão com a mesma com que estava cingido: *Et extergere linteo, quo erat praecinctus?* Direi: se o Senhor não tivera cingido aquela toalha, ou se enxugara os pés a seus Discípulos com outra toalha que não tivera cingido, ficariam as manchas dos pés fora de Cristo, e impressas somente na toalha; e estando Cristo cingido com a mesma toalha, em que haviam de ficar as manchas? ficavam

as manchas dos pés da parte do mesmo Cristo: pois que o amor de Cristo no lavatório de nossas culpas não só nos lave das manchas que temos, mas que ainda tome sobre si nossas manchas! que maior declaração de amor?

Aquele livro fechado e cheio de mistérios que viu S. João no seu Apocalipse, dizem S. Bernardo e S. Pascásio que era o livro dos mistérios do amor de Cristo; por isso, ninguém o pode abrir senão só o Cordeiro, porque só o mesmo Cristo pode explicar os segredos de seu amor; sim, mas Cristo não assistia no trono somente como Cordeiro, também assistia como Leão, e o que mais é, também assistia como Deus: pois, por que não abriu os mistérios daquele livro enquanto Deus ou enquanto Leão? por que razão explicou e deu a conhecer ao mundo os segredos de seu amor somente enquanto Cordeiro? No mesmo Texto acharemos a razão. Diz o Texto que, lavando-se as almas dos homens

no sangue do Cordeiro, ficaram todas alvas, limpas e purificadas: *Laverunt stolas suas, et dealbaverunt eas in sanguine agni*. Notem: se as almas dos homens ficaram alvas e puras porque lavaram suas manchas no sangue do Cordeiro, segue-se que no sangue do Cordeiro ficaram as manchas dos homens; assim é, pois por isso se diz que Cristo não abriu o livro fechado de seu amor senão enquanto Cordeiro: porque enquanto Cristo não chega a tomar sobre si nossas culpas, não poderá dar a conhecer suas finezas; mas, tanto que para nos lavar a nós de nossas manchas toma sobre si nossas culpas, então sem dúvida nenhuma faz patentes ao mundo os escondidos segredos de seu amor: *Dignus es Domine accipere librum, et aperire signacula ejus, quoniam redemisti nos Deo in sanguine tuo.*² Vários exemplos de amor se têm visto no mundo, de muitos que por livrarem da culpa

² No texto: “*Dignus est Domine accipere librum, et aperire signacula ejus, quoniam redemisti nos Deo in sanguine tuo.*”

a seus amigos se imputaram a si mesmos a culpa: sinal foi qualificado de seu amor; mas quanto mais qualificado fora se houvesse um exemplo no mundo de quem tomasse sobre si não somente as culpas alheias, senão também as ofensas próprias? Pois esse é o raro exemplo de amor que hoje veneramos em Cristo; porque no Sacramento da Confissão toma sobre si nossas culpas, as quais são suas ofensas: e que Cristo para livrar das culpas aos homens se faça ele o culpado, sendo ele o mesmo ofendido! que mais evidente sinal do amor de Cristo? Pois, como no lavatório dos pés se viu a representação desta fineza, parece que havemos de dizer que o mais evidente sinal de seu amor foi o lavatório dos pés: *In finem dilexit, et coepit lavare pedes Discipulorum.*

Mas, com isto se representar assim, digo que o lavatório dos pés não foi o sinal mais evidente: mais evidente sinal foi a instituição do Sacramento do Altar; que o lavatório dos pés não fosse o sinal mais evidente, disse-o o

seus Discípulos foi verdadeiramente impulso de seu amor, contudo, foi disfarçada a fineza, porque se fez a título de humildade; porém, a fineza que Cristo fez no Sacramento foi expressamente a título de fineza, porque deixar-se ficar conosco por não poder ausentar-se de nós, buscar traça para ficar, quando era forçoso o partir — um prodígio de amor tão declarado, que nome pode ter senão de amor? Por isso, não entendendo S. Pedro os mistérios do amor de Cristo no lavatório, os poderia entender depois no Sacramento: *Quod ego facio tu nescis modo, scies autem postea.*

E ainda comparando o Sacramento do Altar com o lavatório dos pés enquanto lavatório de culpas, comparando o Sacramento do Altar com o Sacramento da Confissão, ainda digo que é mais evidente sinal do amor de Cristo o Sacramento do Altar: a razão poderia ser porque na Confissão nos dá Cristo perdão da culpa, o qual não é tão infalível argumento de amor, como de misericórdia, e

no Sacramento dá-se-nos Cristo a si mesmo, e visto está que a entrega de si mesmo não pode ser senão por força de amor; mas eu quero conceder, como devo, que a Confissão não só é sinal de misericórdia, senão também de amor; ainda digo que o Sacramento é sinal mais evidente de amor que a Confissão; pro-vo: porque, posto que na Confissão se nos comunica a primeira graça e nos admite Deus à sua amizade, no Sacramento continua-se a amizade, porque nele se aumenta a graça, e assim que a Confissão é sinal do amor que começa, e o Sacramento é sinal do amor que continua; pois, quem duvida que com maior evidência se declara o amor pelos sinais de que continua, do que pelos sinais de que começa? O amor em seus princípios pode ser ímpeto, em sua continuação sempre é firmeza; pelo quê, a notícia que se tem do amor em seus princípios sempre foi opinião, mas em sua perseverança sempre foi evidência: logo, por mais que se signifique o amor que começa, ainda se

não poderá crer; mas nas demonstrações de que continua, já aí se não pode duvidar.

Adoeceu de amor a Esposa divina e, sentindo o primeiro acidente, só pediu remédios para seu achaque: *Fulcite me floribus quia amore languero*; porém, não obstante os remédios, mal convalescente de seu mal, foi por alguns tempos continuando na mesma enfermidade; tornou a sentir outro desmaio e então pediu às filhas de Jerusalém que fizessem a saber³ a seu divino Esposo que ela estava enferma de amor: *Si inveneritis dilectum meum, dicite ei quia amore languero*. É comum reparo por que não mandou a Alma santa estas notícias a seu divino Esposo quando lhe deu o primeiro acidente, senão quando lhe deu o segundo? Várias são as respostas que se dão a este reparo. Eu darei também a minha. Digo que não mandou a Alma santa avisar de sua

³ A expressão “fizessem a saber” nos é desconhecida; equivale, evidentemente, a “fazer saber”, que é de uso corrente e encontra-se registrada por Ênio Ramalho.

enfermidade ao seu divino Esposo quando lhe deu o primeiro acidente porque entendeu que, como era o primeiro sinal de sua fé, ainda poderia o Esposo duvidar de seu amor; mandou avisar do segundo acidente porque julgou que já o Esposo divino não teria que duvidar: o primeiro acidente de amor era sinal de amor que começava, e como o sinal de amor que começa não é sinal infalível de amor, por isso a Esposa divina, receosa de que se não desse crédito à sua verdade, não mandou logo notícias de sua fé; porém, o segundo acidente foi sinal de que o mal continuava, e como o sinal de amor que continua é sinal infalível de amor, por isso a Esposa divina, fiando seu crédito de sua constância e da firmeza de sua enfermidade, e verdade de sua afeição, quando chegou a dar um sinal de que seu amor continuava, segura já de que seu amor não podia ser duvidado, mandou confiadamente dar aviso e notícias de seu amor: *Dicite ei quia amore langueo.*

mesmo Cristo a S. Pedro: *Quod ego facio tu nescis modo*. Mas, como assim? Pôde S. Pedro entender os mistérios da divindade de Cristo: *Tu es Christus Filius Dei vivi*, e não pôde entender a fineza de ver ajoelhada a divindade: *Tu mihi*? Pôde S. Pedro pisar as águas e passear sobre os mares: *Ambulabat super aquas*; e aqui, soçobrado do mistério, não pode tomar pé em quatro dedos de água: *Tu mihi lavas pedes*? E por que razão? Porque era tão profundo o mistério, e tão incompreensível a fineza, que tendo S. Pedro só respeitos para a admirar, *Tu mihi*, não teve capacidade para a entender, *Tu nescis modo*. *Scies autem postea*; disse o Senhor a S. Pedro que, se naquela ação não alcançava os mistérios de seu amor, que os entenderia depois; e, depois do lavatório dos pés, que se seguiu? A instituição do Sacramento: logo, mais evidente fica o amor de Cristo na instituição do Sacramento que no lavatório dos pés: e a razão é manifesta; porque, posto que o render-se Cristo aos pés de

Este mesmo conceito que formava a Esposa divina de seu amor para com Cristo, formou também Cristo de seu amor com a Esposa. Ambos os Sacramentos, da Confissão e da Comunhão, sabem os Teólogos que são sinais sensíveis da divina graça e, pelo conseguinte, da amizade divina: concedeu, pois, Cristo à sua Igreja, por sinal de seu amor, o Sacramento da Confissão; mas, como a Confissão é o sinal da primeira graça, entendeu que ainda ali se podia duvidar de seu amor; pois, para que se não duvidasse, que fez? Por sinal de seu amor desmaiou nos acidentes da Eucaristia e, como naqueles acidentes continua o mesmo amor que começou na Confissão, segue-se que poderão embora duvidar de seu amor na Confissão, mas na Eucaristia já se não poderá duvidar: e assim também, pela mesma razão, poderia a cabeça da Igreja ignorar o amor de Cristo no lavatório, *Tu nescis modo*, mas não tinha que duvidar depois no Sacramento, *Scies autem postea*. Para

Deus significar ao mundo, logo em seus princípios, os excessos de seu amor, ordenou que o Espírito Santo, que é amor divino, andasse sobre as águas no princípio do mundo; porém, adverte o Texto sagrado que andava o Espírito Santo debaixo de escuridades: *Tenebrae erant super faciem abyssi, et Spiritus Domini ferebatur super aquas*; andaram os tempos, continuaram os anos, e com eles continuaram as finezas; e, para Deus dar ao mundo outro sinal de seu amor, tornou o mesmo Espírito Santo ao mundo e apareceu no Cenáculo entre raios de luz e línguas de fogo: *Apparuerunt dispertitae linguae tanquam ignis, seditque super singulos eorum*. Vejam que diferente é de si mesmo o amor divino quando começa, e quando continua: quando começa vem na tibieza das águas, *super aquas*; quando continua vem com violências de fogo, *tanquam ignis*; quando começa é ímpeto, *ferebatur*; quando continua é firmeza, *seditque*; e, por isso, quando começa, só se explica entre escuridades, *tenebrae erant*; e,

quando continua, vem em luzes para se ver, em línguas para se explicar, em fogo para se descobrir: *Apparuerunt dispertitae linguae tanquam ignis, seditque super singulos eorum.* Aqui temos vivamente representado o amor de Cristo no lavatório e no Sacramento: no lavatório, lavando-se em águas, *super aquas*; e no Sacramento, consumindo-se em fogo, *tanquam ignis*; no lavatório começou, *coepit lavare*, e começou com ímpeto arrojando-se aos pés, *ferebatur*; no Sacramento continuou com firmeza, *seditque*, assentando-se nos corações, *in me manet, et ego in illo*; segue-se, logo, que assim como o amor de Deus começou nas águas entre escuridades, *et tenebrae erant*, e continuou no Cenáculo entre luzes, *tanquam ignis*, que assim também o amor de Cristo ficou menos declarado entre as águas do lavatório e muito mais entendido nas luzes do Sacramento; e por isso São João, para dar evidente sinal do amor de Cristo, disse que Cristo continuara hoje seu amor, e que amara sobre ter amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

Contudo ainda digo que, com ser o Sacramento a esfera do amor, nem ainda o Sacramento foi o sinal mais evidente do amor de Cristo, porque a Cruz de Cristo foi mais evidente sinal que o Sacramento; e porventura que por essa razão se chame a Cruz por excelência o sinal de Cristo: *Tunc apparebit signum filii hominis*.⁴ Que o Sacramento não seja sinal evidente, prova-se: porque o Sacramento é mistério de fé, e com fé não pode haver evidência; o Sacramento é cifra de mistérios escondidos; logo, mal podem os afetos de Cristo estar ali declarados. Mas, abstraindo desta razão, abstraindo de que o Sacramento seja de sua natureza mistério escondido, comparando só a fineza de um sacrifício com a fineza de outro, ainda digo que o sacrifício da Cruz é mais infalível argumento e mais evidente sinal do amor de Cristo que o sacrifício do Altar. Bem sei que vou contra a opinião de todos, mas fundo a minha opinião

⁴ No texto: "*Tunc apparebit signum filij hominis*".

em duas razões. Primeira: porque se o ficar Cristo no Sacramento foi fineza, também foi comodidade; e o morrer Cristo na Cruz foi totalmente fineza; ficar Cristo no Sacramento foi também comodidade e conveniência para Cristo, porque, ficando no Sacramento, escusou o mal da ausência e aliviou o rigor da saudade; pelo contrário, o morrer na Cruz foi tudo fineza, porque só para nós foi toda a conveniência; convinha a nosso remédio que Cristo morresse por nós; porém, o morrer Cristo era partir-se, era ausentar-se, e que Cristo quisesse na morte perder o bem da vida e padecer o mal da ausência, só porque o nosso remédio dependia de sua morte, que mais evidente sinal de seu amor? A outra razão é: porque o sacrifício do Altar é para aumento da graça, e o sacrifício da Cruz é para o remédio da culpa; logo, a fineza da Cruz foi feita pelos homens no estado da culpa, e a fineza do Sacramento foi aplicada aos homens postos no estado da graça? Assim é; pois pergunto: qual

é sinal de amor mais evidente, amar a um amigo, ou a um inimigo? amar Deus a quem está em sua graça, ou ao mesmo autor de sua ofensa? Amar a um amigo não é tanto fineza, como obrigação; amar a um inimigo, será cegueira, não duvido; mas quem duvidará que essa é a fineza? Pois como a fineza da Cruz foi feita para remédio da culpa e em benefício dos mesmos ofensores de Cristo, e a fineza do Sacramento foi para aumento da graça e feita em benefício dos amigos, bem se segue, e bem digo eu, que mais evidente sinal de amor é a Cruz que o Sacramento.

Sentou-se a Esposa de Cristo ao pé da Cruz, e diz que à sua sombra comera do Sacramento: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi, et fructus ejus dulcis gutturi meo*. Notem: se comia o Sacramento à sombra da Cruz, segue-se que a Cruz fazia sombra ao Sacramento; donde se segue também que a claridade estava da parte da Cruz, e da parte do Sacramento ficava a escuridade; logo, estava mais clara

a fineza da Cruz, e mais escura a do Sacramento. Um e outro mistério considerava a Igreja Católica, Esposa querida de Cristo; e, quando ia a persuadir-se que o Sacramento era todo fineza, via que também era comodidade, pois era remédio da ausência; via mais, que era obrigação, pois era para aumento da graça; e assim ficava a fineza entre dúvidas, e o Sacramento entre escuridades, *sub umbra*; mas, quando a Esposa divina considerava a fineza da Cruz, via que a fizera Cristo por seus próprios inimigos; via também que a fizera a todo o discômodo próprio; pois aqui, que havia que duvidar de finezas? Ficava logo a luz e a claridade da parte da Cruz: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi*. Bem creio, e confesso, que a fineza do Sacramento foi singularmente grande; porém, como o adora a fé entre cortinas, cativa-se a razão entre dúvidas: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* Mas a fineza da Cruz foi tão patente, que não somente a adora

a fé, senão também que a reconhece a razão:
*Maiorem charitatem nemo habet ut animam
suam ponat quis pro amicis suis.*

O autor daquela lançada que se deu no peito de Cristo já sabem que foi Longuinhos; porém, Longuinhos quem foi? Dizem Santo Agostinho, e Santo Isidoro, Beda, e Usuardo, que foi um homem cego. Grande confirmação do que dizemos! A um Deus morto em uma Cruz, até os cegos lhe estão penetrando os segredos do peito, até os cegos lhe estão descobrindo os afetos do coração. Abrindo-se, pois, e descobrindo-se na Cruz aquele centro de amores, aquela oficina de afeições, quem deixará de ver mui claramente naquele descoberto coração todo o amor que se encerra naquele amoroso peito? Finezas tão evidentes, que até um cego as descobre; amor tão descoberto, que até a olhos fechados se atina, quem poderá duvidar de tão evidente amor? Confirmemos tudo com o Evangelho. Para S. João dizer que Cristo nos dera hoje

um sinal evidente de seu amor, disse que amara até o fim: *In finem dilexit eos*; e que quis dizer nisto o Evangelista? Quis dizer, como explica Santo Agostinho, que amara até morrer, que amara para encarecimento, até dar a vida. Segue-se, logo, que o sinal mais evidente do amor de Cristo foi sem dúvida o padecer a morte: *Maiorem charitatem nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis*.

Não obstante todas estas razões, ainda me parece que nem ainda a morte de Cristo foi o sinal mais evidente de seu amor, porque também a fineza da morte se obrou entre eclipses e escuridades: *Tenebrae factae sunt super universam terram*. O mesmo Senhor disse na Cruz que os homens não entendiam aquele mistério: *Non enim sciunt quid faciunt*; pois, meu Senhor da minha alma, não sabem muito bem os homens que eles vos estão tirando a vida? É verdade, mas isto mesmo é não saber: para entenderem os homens o mistério daquela morte, haviam de entender que não

era violenta, senão muito voluntária; haviam de entender que aquela morte era mais execução do amor que da crueldade; pois como eles imaginavam que aquela morte eles mesmos a faziam, *faciunt*, bem se segue que não entendiam a fineza daquela morte: *Non enim sciunt*. Suposto, pois, que nem ainda na Cruz conheceram os homens com evidência o amor de Cristo, onde havemos nós por derradeiro de achar o sinal mais evidente de seu amor? Eu digo que na sepultura, nos toques daquela pedra se hão de ver mais claramente os quilates de sua afeição; e para que se veja o fundamento com que o digo, digo assim: vendo o amor de Cristo que não acabavam os homens de convencer-se, vendo que não acabavam de conhecer a verdade de suas finezas, nem acabavam de ver suas verdades, recolhido à sepultura de Cristo, quis fiar todo o seu crédito de um retrato, retratando de morta-cor a Cristo morto; para acabar perfeitamente este retrato, fez das mortalhas o

quadro; da morte, as sombras; do sangue, as cores; dos afetos, os pincéis; das feridas, os rasgos; das chagas, os golpes; do sofrimento, a valentia; das finezas, o primor; e, desta sorte, deixou perfeitamente acabado o retrato de Cristo morto por derradeiro sinal do amor de Cristo. Este retrato, pois, de Cristo morto, este transunto de um Deus amortalhado, aquela derradeira prenda de seu amor, aquela lastimosa figura do seu Sudário, esse digo, por última resolução, que foi o sinal mais evidente do amor de Cristo. Ora, provemos esta verdade primeiramente com o nosso tema.

In finem dilexit eos. Diz S. João que quando Cristo ia mais para o fim, tanto mais declarava seu amor: vendo que se chegava o fim da vida, declarou seu amor no lavatório dos pés; foi mais para o fim, declarou-se mais com o Sacramento; chegou ultimamente ao fim, declarou-se mais com a morte; passou além do fim, chegou a entrar na sepultura, e aí se declarou muito mais; por isso, onde S. João

diz *In finem dilexit eos*, trasladou S. Jerônimo *Ultra finem dilexit*; quer dizer, que deu o sinal mais evidente de seu amor depois da morte: *Ultra finem*; pois, como o sinal de seu amor que Cristo nos deu depois de sua morte foi o santíssimo Sudário, por isso digo que o Sudário de Cristo foi o mais evidente sinal de seu amor; não nego que fossem maiores finezas, como na realidade foram, o lavatório, o Sacramento, e a Cruz; porém, eu não trato das maiorias, senão das evidências, e digo que o Sudário de Cristo foi o sinal mais evidente de seu amor, porque foi a prenda que nos deixou depois de sua morte: *Ultra finem dilexit eos*. Para darmos agora a prova com a razão, reparemos naquela palavra: *Dilexit*; em todas as ações do presente Evangelho fala o Evangelista de presente: *Surgit a Coena: ponit vestimenta sua: mittit aquam in pelvim: coepit lavare pedes Discipulorum*;⁵ pois, assim como

⁵ No texto: “*Surgit a coena: ponit vestimenta sua: mittit aquam in pelvim: coepit lavare pedes discipulorum*”.

diz levanta-se da ceia, despe as vestiduras, lança água na bacia, começa a lavar os pés dos Discípulos, por que não diz, também, e chegada a última hora ama a seus Discípulos, senão chegada a hora amou: *Dilexit eos*? Com muita razão: porque o amor presente ainda pode deixar de ser, o amor passado já não pode deixar de haver sido, e assim que o amor não se conhece tão certamente quando se nos diz que é, senão quando se nos diz que foi; pois, como o intento de S. João era dizer que Cristo dera em sua morte os sinais mais evidentes de seu amor, por isso não diz que Cristo ama, senão que Cristo amou: *In finem dilexit eos*. Suposto isto, bem clara fica a razão por que eu digo que o santíssimo Sudário é sinal mais evidente do amor de Cristo que todos os outros sinais: no lavatório estava-se vendo que Cristo atualmente estava amando; no Sacramento também se via que Cristo de presente amava; na Cruz via-se também que atualmente amava Cristo; e no Sudário? estamos vendo

que Cristo amou, *Ultra finem dilexit*, estamos vendo os sinais daquele antigo amor, estamos vendo as demonstrações daquela passada afeição, isto é o que vemos naquela última prenda do Sudário de Cristo: logo, mais se conhece o amor de Cristo pelo que nos mostra o Sudário do que se conheceu no lavatório, no Sacramento e na Cruz.

Chorou Cristo a morte de Lázaro, e vendo os circunstantes aquele tão claro sinal de amor, assentaram consigo que havia sido muito grande o amor de Cristo: *Ecce quomodo amabat eum*; pois ainda agora o conhecem? E enquanto Lázaro vivia não lhe assistia sempre Cristo, dando sempre os sinais do muito que amava a Lázaro? pois por que o não conheceram então? por que mais o conhecem agora? Porque aquelas assistências passadas eram sinais do amor quando era presente, e estas lágrimas presentes são sinais daquele amor que já é passado; então, no tempo passado dava Cristo sinais de seu amor atual, agora de presente

dá os sinais daquele antigo amor; pois agora é que são mais evidentes os sinais: o amor é como o bem, porque assim como o bem se não conhece senão depois de perdido, assim também se não crê nem se conhece o amor senão depois de passado; e a razão deve ser: porque como é tão inconstante o coração humano, por isso se não conhece o amor com evidência onde se vêem sinais de que se ama, senão quando se vêem demonstrações de que se amou; e por isso os circunstantes que assistiram a morte de Lázaro não conheceram com evidência o amor de Cristo quando em outro tempo dava sinais de que atualmente amava, senão quando depois de sua morte deu sinal de que tinha amado; pois, como o lavatório, o Sacramento e a Cruz eram sinais de que Cristo atualmente amava, e o santíssimo Sudário é sinal de que Cristo antigamente amou, bem claro fica que o sinal mais evidente do amor de Cristo é sem dúvida o seu santíssimo Sudário.

Ainda não é esta a mais eficaz razão: a razão mais eficaz é porque o amor de Cristo representado no Sudário se nos deu a conhecer depois de tantas vezes se duvidar — que depois de nos dar Cristo sinais de seu amor tão evidentes no lavatório, no Sacramento, e na Cruz, que contudo ainda ficasse em dúvida seu amor! não sei se é fraqueza de nosso conhecimento, se força de nossa ingratidão — pois que vendo Cristo a seu amor não somente tão mal correspondido, senão ainda tão duvidado, que vendo Cristo o crédito de seu amor perigar entre nossas dúvidas, ainda porfiasse em dar-nos no seu retrato sinal de suas finezas! que mais evidente sinal de seu amor? Quando Abraão levou da espada para fazer a Deus sacrificio de seu próprio filho, disse-lhe o mesmo Deus estas palavras: *Nunc cognovi quod times Deum*; querem dizer na frase da Escritura: Abraão, agora conheço decerto que me amais: ainda agora? Sim: *Nunc cognovi*; e Deus não sabia de antes que

o amava Abraão? Antes, para mostrar que era grande a dúvida, quis fazer aquela experiência: *Tentavit Deus Abraham*; notável dúvida em Deus! Quando as três divinas Pessoas da Santíssima Trindade apareceram na terra e se foram a hospedar na casa de Abraão, sabemos que Abraão lhes lavou os pés: *Afferam paucillum aquae, et lavate pedes vestros*; sabemos que Abraão os sentou à sua mesa: *Ponamque buccelam panis, et confortate cor vestrum*; sabemos que Abraão no maior rigor do dia os fez descansar à sombra da sua árvore: *Requiescite sub arbore*; e que, contudo, sobre estes sinais de amor que Abraão tinha dado a Deus, que sobre Abraão lhe lavar os pés, sobre lhe dar o seu pão, sobre o aliviar na sua árvore, que ainda Deus mostrasse ter tantas dúvidas! que ainda andasse a fazer tão custosas experiências! *Tentavit Deus Abraham*; não sei em que podiam fundar-se estas dúvidas de Deus. Mas se Deus, a nosso modo de entender, se Deus atègora duvidava, por que razão não duvida

agora? Com grandíssima razão: já Deus agora não duvida, porque vê agora que Abraão, depois de ver a seu amor tantas vezes duvidado, ainda persiste em dar este último sinal de seu amor; que vendo Abraão seu amor duvidado tantas vezes, no lavatório, no pão, e na árvore, que ainda se resolvesse por último sinal de seu amor a fazer sacrifício de seu filho! que se resolvesse a banhar em sangue o seu mesmo natural retrato para testemunho de seu amor! que se resolvesse a banhar em sangue sua imagem natural para testemunho de sua inteira verdade! à vista de uma resolução tão valente depois de uma fé tão duvidada, que tinha já Deus que duvidar do amor de Abraão? Não há já que duvidar: *Nunc cognovi*. Pois da mesma sorte, assim como se houve Deus no conhecimento do amor dos homens, assim se devem haver os homens no conhecimento do amor de Deus: duvidaram os homens do amor de Cristo no lavatório dos pés, duvidaram na mesa do Sacramento,

duvidaram na Árvore da Cruz, e que sobre tantas dúvidas continuasse Cristo as finezas! que sobre ver tantas vezes duvidado seu amor em sinais tão evidentes de sua afeição, que ainda Cristo nos deixasse por último sinal de seu amor seu próprio retrato banhado em sangue! não há já que duvidar de seu amor: *Nunc cognovi*.

E que, com efeito, a Igreja Católica ficasse certa e inteirada do amor de Cristo à vista de seu santíssimo Sudário, se eu me não engano, cuido que consta da mesma Escritura. Ora dêem-me atenção. Chorava a Alma Santa a ausência de seu divino Esposo e, explicando seu sentimento entre lágrimas e suspiros, lhe disseram as filhas de Jerusalém que ou lhes mostrasse ou lhes descrevesse o seu amado tirado pelo seu amado: *Qualis est dilectus tuus ex dilecto o pulcherrima mulierum?* E que quer dizer o amado tirado pelo amado? Quer dizer o retrato do mesmo amado, e por ele é que perguntavam as

filhas de Jerusalém, sendo certas que não havia de ausentar-se o Esposo divino sem deixar a sua querida Esposa, para alívio de sua saudade, a prenda de seu retrato; por isso lhe perguntam: *Qualis est dilectus tuus ex dilecto?* A esta pergunta das donzelas de Jerusalém, esforçando a dor e rompendo o silêncio, a Esposa soberana de Cristo respondeu desta sorte: *Dilectus meus candidus, et rubicundus*, esse meu amado por quem me perguntais, ou esse retrato de meu amado, é branco e encarnado: são matizes de sangue em campos de linho; *Caput ejus aurum optimum*, a cabeça, posto que banhada em rios de sangue, está coberta de ondas de ouro; *Comae ejus sicut elatae palmarum*, sobre a coroa da cabeça se vêem agudas pontas de ásperos espinhos; *Oculi ejus sicut columbae super rivulos aquarum*, os olhos brandos e modestos, banhados em rios de lágrimas e de sangue; *Genae illius sicut areolae aromatum*, as duas faces são dous divididos quadros de jasmins

secos e de rosas⁶ murchas; *Labia ejus lilia distillantia myrrham*, a boca é um roxo lírio cheio de amarguras; *Manus illius tornatiles plenae hyacinthis*, as mãos, como estiveram pendentes em duas pontas de ferro, parece que foram feitas ao torno, mas engastadas em dous rubis; *Venter ejus eburneus distinctus sapphiris*, o corpo é de marfim na brancura, mas tão coberto de nódoas azuis, que parece esmaltado de safiras;⁷ *Crura illius columnae marmoreae, quae fundatae sunt super bases aureas*, as colunas são de mármore ensangüentado, e os pés de ouro batido; *Species ejus ut libani, electus ut cedri*, a estatura alta, grave e soberana, como cedro⁸ do monte Líbano; e, finalmente, todo o retrato move a lágrimas, porque todo move a saudades: *Et totus desiderabilis*.

Depois de assim descrever a Esposa divina aquele misterioso retrato que lhe deixou

⁶ "Rosas", com inicial maiúscula, no texto.

⁷ "Safiras", com inicial maiúscula, no texto.

⁸ "Cedro", com inicial maiúscula, no texto.

no Santo Sudário o seu divino Esposo, conclui desta maneira: *Talis est dilectus meus, et ipse est amicus meus filiae Jerusalem*, este que vos descrevi, ó donzelas de Jerusalém, este é o retrato de meu amado, e ele é meu verdadeiro amante: *Et ipse est amicus meus*. Aqui reparo: se lerem todo o livro dos Cânticos, acharão que nunca a Esposa divina chamou a Cristo seu amante mais que somente nesta ocasião; recebeu a Esposa divina de seu divino Esposo mil favores em mil finezas, mas, ou cega de sua desconfiança ou duvidosa de seu merecimento, em nenhuma ocasião lhe chamou seu amante, senão sempre seu amado: *Dilectus meus, quem diligit anima mea, etc.* Viu-se no lavatório dos pés: *Lavi pedes meos*; viu-se na mesa do Sacramento: *Introduxit me in cellam vinariam*; viu-se à sombra da Cruz: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi*; e, contudo, nunca se acabou de persuadir que Cristo era seu amante, senão sempre seu amado: *Dilectus meus, quem diligit anima mea*;

porém, tanto que viu o retrato de Cristo, ali descobriu seu amor com tantas demonstrações de evidente, que já lhe não pôde negar o título de seu amante: *Et ipse est amicus meus*. E a última razão de tudo é: porque os outros sinais são objetos da fé, o Sudário é objeto da vista; e como é mais evidente aquilo que se percebe pela vista que aquilo que se adora pela fé, por isso a Igreja Católica, Esposa merecida de Cristo, reconhecendo o amor de Cristo entre escuridades no lavatório, no Sacramento e na Cruz, só no Sudário conheceu com evidência seu amor: *Et ipse est amicus meus*.

Suposto pois que só das vistas fiamos as evidências, vinde cá meu doce Jesus, e entre estas confusões do vosso retrato veremos as verdades do vosso amor; porventura que duvidarão se sois vós, porque, sendo vós Imagem de Deus, não tendes agora nem a figura de homem; mas este é, Cristãos: *Dilectus meus candidus, et rubicundus*, estes esmaltes roxos nestes campos brancos, este é o verdadeiro

retrato do nosso amante verdadeiro, *Talis est dilectus meus, et ipse est amicus meus*; não temos já que duvidar do amor de Cristo à vista deste sinal de seu amor, não temos já que duvidar de sua verdade onde o crédito de seu amor está firmado com letras de seu sangue. Oh meu Deus do meu coração, meu Jesus, meu Redentor, que chagado, que ferido, que despedaçado que estais! Mas assim, Senhor, assim chagado vos quero, assim ferido vos amo, assim despedaçado vos adoro; quem vos tratou assim, meu Deus da minha alma, vosso amor, ou nossas culpas? Oh quanto vos obriga vosso amor! Oh quanto vos maltratam nossas culpas! Oh cabeça sacrossanta, como trocastes o diadema de raios em coroa de espinhos! Sem dúvida que pôs os espinhos sobre a cabeça para que nós não magoássemos os pés. Oh olhos divinos, tão cegos de sangue como de amor! quem vos eclipsou, divinos olhos? Sem dúvida que cerrou os olhos para não ver nossas culpas. Oh boca sagrada,

se tantas vezes vos abristes para inspirar suavidades, como agora vos fechastes para conservar amarguras? Sem dúvida que fechou a boca para não formar queixas de nossas ingratidões. Oh braços onipotentes, se atègora estendidos em uma Cruz, como estais cruzados agora? Sem dúvida que de rendidos estão cruzados. Oh mãos divinas, se atègora trespassadas com cravos, como agora abertas com rubis? Sem dúvida que de liberais estão abertas. Oh lado sacrossanto, Tesouro de soberanos afetos, Sacrário de divinas afeições, quem vos feriu, quem vos rasgou tão cruelmente? Sem dúvida que abriu o peito para nos meter no coração.

Aqui tendes, Almas Cristãs, este divino retrato do nosso amoroso Jesus, este sagrado transunto do nosso amorosíssimo Salvador, este cadáver ensangüentado, assim aberto a açoutes, assim despedaçado a feridas; este é o nosso Jesus, este é o nosso Deus e o nosso Redentor. Estampai, Almas Cristãs, estampai

esta figura em vossos corações por sentimento, em vossas Almas por amor. E para que mais se dobre a lástima, vede por estoutra parte. Oh que lástima! Oh que rigor! Aqui onde carregaram as culpas, aqui mais descarregaram os golpes; mas como não daria aos golpes as costas, se virou as costas por não ver nossas culpas? Oh chegai, Fiéis, lavai com este sangue vossas culpas, lavai com vossas lágrimas este sangue: se neste cadáver não há já lugar para mais feridas, que lugar nos fica para mais ofensas? Quem haverá que tenha ainda coração para ofender a um Deus tão ferido? Quem haverá que tenha ainda valor para magoar a um Deus tão chagado? Oh se padecesse naufrágio o peso de nossas culpas neste mar de misericórdias! Mas, voltaí, Senhor: *Ostende nobis faciem tuam, et salvi erimus*. Oh meu amantíssimo Jesus! meu Deus e meu Redentor! Oh quanto me pesa, meu Deus, de vos ter ofendido! Oh quem nunca vos ofendera, meu Deus do

meu coração! De todos os pecados que contra vós temos feito vos pedimos perdão, meu bom Jesus: perdoai-nos, Senhor, por todos os tormentos que representa este vosso santíssimo retrato; e perdoai-nos pelo amor que nele se representa; por este preciosíssimo sangue, por este santíssimo cadáver, pelos merecimentos de vossa santíssima paixão, e pelos poderes de vossa divina misericórdia, para que assim alcancemos a graça, penhor da eterna glória: *Ad quam, etc.*

Eusébio de Matos,
sua obra e seu tempo
(cronologia)

1608. Nasce Antônio Vieira, em Lisboa.
1614. Antônio Vieira, com a família, chega à Bahia.
1629. Nasce Eusébio de Matos, na Bahia.
1633. Estréia Antônio Vieira no púlpito, na Igreja da Conceição, na Bahia.
1634. Ordena-se o Padre Antônio Vieira.
1636. Nasce o poeta Gregório de Matos, na Bahia.
1641. Embarca para Portugal o Padre Antônio Vieira.
1644. Eusébio de Matos professa na Companhia de Jesus.

1650. Gregório de Matos parte para Portugal.
1652. Padre Antônio Vieira parte de Portugal para o Maranhão.
1661. Expulso do Maranhão, Padre Antônio Vieira retorna a Portugal.
1677. É publicado em Lisboa, na Oficina de João da Costa, o *Ecce Homo*, práticas pregadas pelo Padre Eusébio de Matos no Colégio da Bahia.
1680. Eusébio de Matos abandona a Companhia de Jesus e ingressa na Ordem do Carmo com o nome de Frei Eusébio da Soledade.
1681. Padre Antônio Vieira retorna à Bahia. É publicado em Lisboa, na Oficina de Miguel Manescal, o *Sermão da soledade e lágrimas de Maria Santíssima Senhora Nossa*, de Frei Eusébio da Soledade.
- 1682/83. Retorna Gregório de Matos à Bahia.
1692. Morre Frei Eusébio da Soledade na Bahia, a 7 de julho.

1694. Gregório de Matos é despachado para Angola. São publicados em Lisboa, na Oficina de Miguel Deslandes, os *Sermões*, de Frei Eusébio de Matos.
1695. Gregório de Matos retorna a Pernambuco, onde morre.
1697. Morre Padre Antônio Vieira, a 18 de julho, no Colégio da Bahia.
1705. Manuel Botelho de Oliveira publica *Música do Parnaso*, primeiro livro de um poeta nascido no Brasil.
1715. Matias Pereira da Silva publica, em Lisboa, a *Fênix renascida*, 5v.
1735. É publicada em Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, a *Oração fúnebre nas exéquias do Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Estêvão dos Santos Bispo do Brasil*, do Padre Mestre Eusébio de Matos.
- 1761/62. D. José de Ângelo Moraes publica o *Postilhão de Apolo*, 2v.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo: Caminho Suave, 1981.

ALVES, Constâncio. Literatura na Bahia. In: *BIBLIOTECA internacional de obras célebres*. Lisboa: Sociedade Internacional, s.d. v.17. p.8201-8214.

ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In: *Crítica literária*. Rio de Janeiro: Livro do Mês, 1962. p.129-149.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 5v.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. 7v. Edição fac-similar do Conselho Federal de Cultura, 1976. (v.2, p.306-308)

- CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CASTELO, José Aderaldo. *Manifestações literárias da era colonial*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- COUTINHO, Afrânio. Org. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. 6v.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva. *Sintaxe histórica da língua portuguesa*. 4ed. Lisboa: Clássica, 1959.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Rio de Janeiro: Globo, 1952.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, Laudelino. *Clássicos brasileiros*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1923.
- GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

- KOPKE, Carlos Burlamáqui. Ver COUTINHO, 1986, v.2, p.162-169.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Portugália, 1938. v.1.
- LIMA, Oliveira. *Aspectos da literatura colonial brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- LOPES, Hélio. Oratória sacra no Brasil (do século XVI ao século XIX). In: *Letras de Minas e outros ensaios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p.423-443.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Ano biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia do Imperial Instituto Artístico, 1876. 3v.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca lusitana*. Lisboa: Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, 1791. v.1.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. v.1.
- MATOS, Frei Eusébio de. *Sermões*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1694.
- _____. *Ecce Homo*. Lisboa: Oficina de João da Costa, 1677. [Edição fac-similar: Estante Clássica da *Revista de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, ago. 1923.]

- MATOS, Gregório de. *Crônica do viver baiano seiscentista*. Salvador: Janaína, 1968. v.7.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985. v.1.
- _____. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MORAIS, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
- MOTA, Artur. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930. 2v.
- NUNES, J. J. "Anotações". In: MATOS, Eusébio de, 1923. p.79-108.
- PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e Guerra: uma re-visão biográfica*. Salvador: Macunaíma, 1983.
- _____. *A família Mattos na Bahia do século XVII*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1988.
- RABELO, Manuel Pereira. Vida do excelente poeta lírico, o Doutor Gregório de Matos Guerra. In: MATOS, Gregório de, 1969, v.7, p.1689-1721.
- RAMALHO, Ênio. *Dicionário estrutural, estilístico e sintático da língua portuguesa*. Porto: Lello & Irmão, 1985.

- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. 5v.
- SANTA MARIA, Frei João de. Ao Reverendíssimo Padre Fr. Joam Teyxoo de Villalobos; Prólogo. In: MATOS, Eusébio de. *Sermões*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1694.
- SARAIVA, Antônio José, LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Publicações, 1969.
- SCRIPTORES *Provinciae Brasiliensis*. In: LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Portugália, 1938. v.1.
- SILVA, J. M. Pereira da. *Os varões ilustres do Brasil nos tempos coloniais*. 3ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1868. 2v.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Org. *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946. v.1.

Com esta edição do “Sermão do Mandato”, retorna à convivência dos leitores a prosa barroca brasileira do século XVII, na voz de Eusébio de Matos. Parece, com isso, que se começa a romper “a nuvem do esquecimento” (a expressão é de J. J. Nunes) que envolve tão importante escritor. O leitor brasileiro não pode desconhecer obras tão importantes e valiosas; não pode mais duvidar do talento do Padre Eusébio de Matos porque já não há que duvidar: *Nunc cognovi*.

ISBN 85-87470-03-5



9 788587 470034

FALE
FACULDADE DE LETRAS
FALE